

## *Formas de arte efémera no duplo consórcio Bragança-Bourbon em 1785\**

JOAQUIM JAIME B. FERREIRA-ALVES\*\*

**Abstract** – *In the XVIII th century two double marriages were celebrated between the two peninsular royal houses: the first one during King João V (1689-1750) rule; and the second one during Queen Maria I (1734-1816) rule. In 1727 were celebrated the marriages of D. José (1714-1777) and of his sister D. Maria Bárbara (1711-1758), with D. Mariana Vitória de Bourbon (1718-1781) and D. Fernando (1713-1759), Prince of Asturias; and in 1785, of the Princes D. João (1767-1826) and D. Mariana Vitória Josefa (1768-1788), with D. Carlota Joaquina de Bourbon (1775-1830) and D. Gabriel de Bourbon e Saxe (1748-1788). In the double marriages of 1785 we have four important moments: the celebration of the marriages by procuration in Madrid and Lisbon; the exchange of the princesses in Vila Viçosa; the Portuguese princess' departure to Spain; and the Spanish princess' travel and entry in Lisbon. These four important moments, besides the complex ceremonial originated great feasts where decoration and ephymerous constructions had important roles of which are presented some exemples.*

---

\* Texto apresentado no Colóquio «A Dinastia de Bragança: História, Poder e Arte» realizado em Cabeceiras de Basto em 28 e 29 de Maio de 2004.

\*\* Professor Associado com Agregação. Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

## 1. Introdução

No século XVIII realizaram-se dois duplos consórcios entre as duas casas reais peninsulares: o primeiro, no reinado de D. João V (1689-1750); e o segundo no de D. Maria I (1734-1816). Regressava-se assim a uma tradição cujas raízes encontravam-se na primeira dinastia e que perdurou até 1552, ano do casamento do príncipe D. João (1537-1554), filho de D. João III (1502-1557) e de D. Catarina de Áustria (1507-1578), com D. Joana de Áustria (1535-1573), filha do imperador Carlos V (1500-1558) e de D. Isabel de Portugal (1503-1539). A política de casamentos entre as duas coroas intensificara-se com D. Manuel I (1469-1521) e com D. João III. O *Venturoso* casou com duas filhas dos Reis Católicos – D. Isabel I (1451-1504), rainha de Castela, e D. Fernando V (1452-1516), rei [II] de Aragão e de Castela – D. Isabel (1470-1498), viúva de seu sobrinho o infante D. Afonso (1475-1491)<sup>1</sup>, e mãe do infante D. Miguel da Paz (1498-1500), herdeiro das três coroas peninsulares (Castela, Aragão e Portugal), e D. Maria (1482-1517). D. Manuel I, tendo enviuvado, voltaria novamente a casar com D. Leonor (1598-1558), filha dos reis de Castela, D. Joana (1479-1555) e D. Filipe I (1478-1506). D. João III e, como vimos, seu filho o infante D. João casaram com duas primas coirmãs, a primeira irmã de Carlos V e a segunda sua filha. O mesmo sucedeu com o herdeiro do imperador, o futuro rei de Portugal D. Filipe I [II] (1527-1598), que teve como primeira mulher<sup>2</sup> a infanta D. Maria (1527-1545), filha do *Piedoso* e de D. Catarina de Áustria.

A partir de 1640 e o conseqüente conflito com Espanha não criou condições para que ao longo do século XVII se reatasse essa política familiar, o que só voltaria a acontecer em 1727. Neste ano realizaram-se os casamentos do príncipe D. José (1714-1777), futuro D. José I, com a infanta D. Mariana<sup>3</sup> Vitória de Bourbon (1718-1781)<sup>4</sup>, e da infanta D. Maria Bárbara (1711-1756) com o Príncipe das Astúrias, D. Fernando (1713-1759)<sup>5</sup>, filho de Filipe V (1683-1746), rei de Espanha, e de sua primeira mulher D. Maria Luísa Gabriela de Sabóia (1688-1701)<sup>6</sup>.

Casando D. Maria I<sup>7</sup> com o seu tio D. Pedro<sup>8</sup> (1717-1786), e o filho destes D. José (1761-1788) com sua tia D. Maria Francisca Benedita (1746-1829)<sup>9</sup>, os

<sup>1</sup> Único filho do rei D. João II (1455-1495) e da rainha D. Leonor (1458-1525).

<sup>2</sup> O casamento realizou-se em 1543.

<sup>3</sup> Ou Maria Ana Vitória. Cf. *Diccionario de Historia de España*, vol. 2. Madrid: Ediciones de la Revista Occidente, 1968, p. 911.

<sup>4</sup> Filha de Filipe V, rei de Espanha, e de sua segunda mulher D. Isabel Farnesio (1692-1766).

<sup>5</sup> Fernando VI, rei de Espanha de 1746 a 1759.

<sup>6</sup> TEDIM, José Manuel – O triunfo da festa barroca a troca das princesas, in *Arte efémera em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.175-193.

<sup>7</sup> Quarta filha de D. José I.

<sup>8</sup> D. Pedro III.

<sup>9</sup> «Se a série desses casamentos se interrompeu com D. Maria I (aliás contra o desejo dos governantes espanhóis) foi apenas pelo inconveniente de casar a herdeira do trono com um estrangeiro». *Nobreza de Portugal e do Brasil*, vol. I. Lisboa Editorial Enciclopédia, 1960, p. 701.

casamentos entre as duas casas reais Bragança/Bourbon (Espanha) seriam retomados em 1785 com o duplo consórcio do infante D. João (1767-1826), Príncipe do Brasil a partir de 1788, e de sua irmã a infanta D. Mariana Vitória Josefa (1768-1788), com a infanta D. Carlota Joaquina de Bourbon (1775-1830) e o infante D. Gabriel de Bourbon e Saxe (1748-1788), a primeira filha dos então Príncipes das Astúrias D. Carlos de Bourbon e Saxe (1748-1819)<sup>10</sup> e D. Luísa<sup>11</sup> Maria Teresa de Bourbon e Bourbon (1751-1819), e o segundo de D. Carlos III (1716-1788), rei de Espanha, e de sua mulher D. Maria Amália de Saxe (1724-1760).

Esta política de casamentos entre as cortes portuguesa e espanhola teria continuidade no primeiro quartel do século XIX com algumas das filhas de D. João VI. A infanta D. Maria Teresa (1793-1874), casaria em primeiras núpcias com o infante de Espanha D. Pedro Carlos António de Bourbon e Bragança (1786-1812)<sup>12</sup> e, em segundas núpcias, com D. Carlos Maria Isidro de Bourbon (1788-1855), irmão de D. Carlota Joaquina, e viúvo da infanta D. Maria Francisca de Assis (1800-1834). A infanta D. Maria Isabel Francisca (1797-1818) seria a segunda mulher de Fernando VII (1784-1833), rei de Espanha.



D. João VI (1767-1826) (Biblioteca Pública Municipal do Porto, Reservados)

<sup>10</sup> Carlos IV, rei de Espanha de 1788 a 1808.

<sup>11</sup> Conhecida erradamente por Maria Luísa. Cf. RIOS MAZCARELLE, Manuel – *Vida privada de los Borbones. De Felipe V a Carlos IV*, vol. I. Madrid: Ediciones Merino, 1995, p. 279-281.

<sup>12</sup> Filho de D. Gabriel de Bourbon e Saxe e de D. Mariana Vitória Josefa de Bragança.



D. Carlota Joaquina de Bourbon (1775-1830)  
(Colecção do autor)

A partir de D. João VI, e até ao fim da monarquia, a opção matrimonial da Família Real portuguesa será outra. Os efémeros reis de Portugal D. Pedro IV (1798-1834)<sup>13</sup> e D. Miguel (1802-1866)<sup>14</sup> casaram com princesas fora do círculo espanhol. As duas mulheres do primeiro imperador do Brasil eram respectivamente Habsbourg<sup>15</sup> e Beauharnais-Leuchtenberg<sup>16</sup>, e D. Miguel casaria com D. Adelaide de Loevenstein-Wertheim-Rosenberg (1831-1909). D. Maria II (1818-1853) casou em primeiras núpcias com D. Augusto de Beauharnais-Leuchtenberg (1810-1835) e, por morte deste com D. Fernando de Saxe-Cobourg-Gotha (1816-1885). Os seus filhos D. Pedro V (1837-1861) e D. Luís I (1838-1889) casariam com princesas das casas de Hohenzollern-Sigmaringen<sup>17</sup> e de Sabóia<sup>18</sup>. Finalmente, os dois últimos reis da dinastia de Bragança (mais correctamente, a partir de D. Pedro V, Saxe-Cobourg-Gotha/Bragança) D. Carlos (1863-1908) e D. Manuel II (1889-1932) casariam res-

<sup>13</sup> D. Pedro IV foi rei de Portugal de Março (D. João VI falecera em 10 de Março de 1826) a Maio de 1826.

<sup>14</sup> D. Miguel reinou de Junho de 1828 a Maio de 1834.

<sup>15</sup> D. Maria Leopoldina (1797-1826), filha do imperador da Áustria Francisco I e da sua segunda mulher a imperatriz Maria Teresa.

<sup>16</sup> D. Amélia Augusta (1812-1873) filha de Eugénio de Beauharnais, duque de Leuchtenberg, e de Augusta Amália da Baviera.

<sup>17</sup> D. Estefânia de Hohenzollern-Sigmaringen (1837-1859).

<sup>18</sup> D. Maria Pia de Sabóia (1837-1859).

pectivamente com D. Maria Amélia de Orléans (1865-1951) e D. Augusta Vitória de Hohenzollern-Sigmaringen (1890-1966). Também duas filhas de D. Maria II, D. Maria Ana (1843-1884) e D. Antónia (1845-1913) casariam, a primeira com aquele que haveria de ser Jorge III (1832-1904), rei da Saxónia, e a segunda com Leopoldo (1835-1905), príncipe de Hohenzollern-Sigmaringen.

As negociações matrimoniais dos infantes portugueses e espanhóis iniciaram-se em 1783<sup>19</sup> entre D. Maria I e seu tio D. Carlos III. Assinados os artigos preliminares em Aranjuez em 2 de Maio de 1784<sup>20</sup> os respectivos casamentos tiveram lugar em Março/Abril de 1785, dando origem, em Portugal e Espanha, a um complexo cerimonial que, como espectáculo do poder, atraía naturalmente (ou estimulava-se essa atracção) todas as camadas da sociedade de então. Curiosamente ao mesmo tempo que se procurava a presença das populações receava-se que uma grande concentração perturbasse a ordem. Quase todas as descrições dos festejos, em 1785 e noutras ocasiões, terminam com referências: à presença de tropas para «conservar em boa ordem o imenso povo que concorre» aos festejos realizados em Torres Novas<sup>21</sup>; à «perfeita tranquilidade» como decorreram em «Viana do Minho»<sup>22</sup>; e ao sucesso do espectáculo devido ao «grande sucego» que se viu na Guarda «entre tão numerosos assistentes»<sup>23</sup>.

No caso do duplo consórcio de 1785 temos quatro grandes momentos: os casamentos por procuração em Madrid e Lisboa de D. Carlota Joaquina e D. Mariana Vitória; a troca das princesas em Vila Viçosa<sup>24</sup>; a ida da infanta portuguesa para Espanha e a viagem e entrada em Lisboa da infanta espanhola. Estes quatro grandes momentos, além do complexo cerimonial inerente, deram origem a festas com que tradicionalmente o poder (político e religioso) e as populações comemoram tais acontecimentos. Festas essas que não se limitaram, aos principais centros festivos, Lisboa/Vila Viçosa-Madrid/Aranjuez (locais dos casamentos, troca das princesas e encontro com as respectivas famílias reais), ou aos locais de passagem das princesas mas às mais diversas povoações do reino desde o Minho ao Maranhão<sup>25</sup> e a Minas Gerais<sup>26</sup>.

<sup>19</sup> BEIRÃO, Caetano – *D. Maria I 1777-1792. Subsídios para a revisão da história do seu reinado*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1934, p. 312-319.

<sup>20</sup> *Arte efêmera em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 200.

<sup>21</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, nº XXXIV, 1785. Agosto. 27.

<sup>22</sup> Viana do Castelo. *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, nº XXXVII, 1785. Setembro.17.

<sup>23</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, nº XL, 1785. Outubro.08.

<sup>24</sup> Em Vila Viçosa D. Carlota Joaquina recebeu os seguintes jóias da Família Real:

de D. Maria I – brincos com botão e pingente de brilhantes; um colar de brilhantes com pingente e um ramo de varias pedras;

de D. Pedro III – uma pluma de diamantes;

do Príncipe do Brasil – dois anéis de brilhantes;

da Princesa do Brasil – uma pluma de brilhantes;

da Infanta D. Mariana Vitória – uma pluma de esmeraldas e brilhantes;

do Infante D. João – braceletes com a «cifra do seu nome, e da Senhora Infanta» de diamantes, e um relógio.

*Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, nº XIX, 1785. Maio.14.

<sup>25</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, nº IV, 1786. Janeiro. 28.

<sup>26</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, nº XLV, 1786. Novembro.11.

Todas essas festividades deram origem a uma série de decorações e construções efémeras, algumas das quais de grande qualidade artística, mas das quais temos um número reduzido de imagens, limitando-se assim o nosso conhecimento à descrição inserida nas relações dos festejos. Neste trabalho iremos chamar a atenção para algumas manifestações do efémero que apareceram nas festas realizadas no duplo casamento de 1785, e que podemos inserir em três categorias, ainda que existam casos onde algumas dessas expressões do efémero possam, ser inseridas em mais do que uma das divisões apresentadas. Assim essas três categorias são: o efémero e a imagem do «Triunfo antigo»; o efémero e a arte do fogo; e o efémero utilitário.

## 2. Arte efémera

### 2.1. O efémero e a imagem do «Triunfo antigo»

A presença de elementos do passado relacionados com um imaginário que nos transporta à Roma Imperial, readaptando desde as festas do Renascimento a representação do «Triunfo antigo»<sup>27</sup> é uma constante na festa barroca. As entradas régias, recreavam, por influência do «redescubrimiento humanista»<sup>28</sup> e das diversas edições ilustradas da obra de Francesco Petrarca (1304-1374) *I Trionfi*, as entradas cesáreas, que tinham nos carros triunfais e nos arcos de triunfo duas formas de expressão da glória e do poder. Incluímos também neste tipo de decorações festivas os obeliscos, que da sua função inicial associada ao culto solar no antigo Egípto<sup>29</sup>, são levados para Roma e Bizâncio e integrados nessas cidades e a partir do século XVI, tornam-se em elementos emblemáticos da paisagem urbana e como tal não deixam de estar presentes nas festas da vida e da morte, gosto, que pela sua frequência, foi já designado por «obelisco-mania»<sup>30</sup>.

Os carros triunfais, que, em outro tempo, transportavam o imperador vitorioso, os monarcas do Renascimento ou os *condottieri* triunfantes, foram substituídos pelos coches – «elementi fondamentali degli apparati celebrativi e festivi»<sup>31</sup> – que pela sua frequente magnificência – «le fastose carrozze barocche, manifesti semoventi del potere»<sup>32</sup> – competiam com eles. Assim os carros triunfais barrocos transformaram-se em «carri di fantasia», com montagens alegóricas onde se recorre ao imaginário mitológico, ao exótico e a representações alusivas ao acontecimento que se festejava. As diversas descrições do duplo consórcio referem vários carros onde os

<sup>27</sup> STRONG, Roy – *Arte y poder. Fiestas del Renascimento 1450-1650*. Madrid: Alianza Editorial, 1984, p. 56.

<sup>28</sup> Idem, ibidem, p.57.

<sup>29</sup> POSENER, Georges – *Dictionnaire de la civilisation égyptienne*. Paris : Fernand Hazan, 1970, p.196.

<sup>30</sup> *La Festa a Roma dal Rinascimento al 1870*, II. Torino/Roma: Umberto Allemandi/J. Sands, 1997, p. 167.

<sup>31</sup> «Disegnate appositamente per le entrate in città di diplomatici stranieri o per gli eventi speciale». *La Festa a Roma dal Rinascimento al 1870*, II, p.182.

<sup>32</sup> Idem, ibidem, p. 182.

três motivos aludidos aparecem. No Porto, saíram: um carro representando o Parnaso, com «Apollo, as nove Musas, e outros Deuses da Gentilidade»; um carro que transportava o rei dos «Otentotes», formando estes um grupo de dança, juntamente com outros dois, um de janízaros e outro de mouros; um carro com a forma de uma nau<sup>33</sup>, onde ia uma orquestra e na «camara hum throno com duas figuras allusivas ao objecto da festividade».

Estes carros serviam também para transportar músicos e para aguar as praças de touros. Para exemplificar o primeiro caso temos o «magestoso carro triunfal» que transportou uma «excellente Orquestra»<sup>34</sup> na Guarda, e o que acompanhou a mais «solemne, apparatusa e bem ordenada» procissão que, segundo a notícia, se tinha visto em Portalegre<sup>35</sup>. No segundo caso os portuenses admiraram um carro de aguar<sup>36</sup>, nos três dias<sup>37</sup> em que se «correrão touros» e que tinha a forma de um chariz «d'excellente architectura».

Os arcos triunfais constituíam, pela sua origem, simbologia<sup>38</sup> e forma (esta permitia uma elaborada e cuidada decoração), as estruturas efémeras mais importantes. Levantados pelas câmaras, pelos ofícios, pelas «nações estrangeiras» ou pelos residentes das diversas áreas do percurso festivo (como aconteceria frequentemente a partir do século XIX), tinham, por vezes, como autores os melhores artistas da época. Temos notícia de arcos nos festejos de 1785<sup>39</sup> e do impedimento de se levantarem devido à grande despesa que estas construções originavam. Quando da ida de D. Carlota Joaquina à igreja de Nossa Senhora de Atocha, depois do seu casamento, D. Carlos III impediu que se levantassem arcos triunfais pois não queria que se fizessem despesas «que perjudicassem a outras obrigações do público, ou incommodassem os particulares»<sup>40</sup>.

Dos arcos referidos merece a nossa atenção aquele que o embaixador de Espanha, Carlos Gutiérrez de los Rios, conde de Fernán Núñez, mandou levantar,

<sup>33</sup> «ornada com vasos de mimosas flores artificiaes».

<sup>34</sup> «No dia 4 de Setembro houve outra corrida de Touros, e no fim entráram na Praça os dous fios dos já mencionados cavalleiros, que executáram vistosa escaramuça, jogarão alcancias, correrão parellas, tendo por premio os vivas dos espectadores, e a satisfação de terem concorrido com a sua destreza a celebrar os Augustos Desposorios. A noite se trocou artificiosamente em claro dia, cubrindo-se as ruas e Praças de muitas danças, innumeraveis e ricas mascaras, com mil galantes diversões. Huma bem concertada encamisada, no fim da qual hia hum magestoso carro triunfal, com huma excellente Orquestra. Guiava este luzido corpo, em hum bem ajaezado cavallo, hum Poeta de bom gosto, que em oitavas rimas, cantando os successos e esperanças da glolria Portugueza, fazia a despedida e remate dos festejos». *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XLIX, 1785. Dezembro.10.

<sup>35</sup> *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XXVII, 1785. Julho. 19.

<sup>36</sup> *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XXVIII, 1785. Julho. 16.

<sup>37</sup> 24, 25 e 26 de Junho.

<sup>38</sup> «Su monumento perdurable era el arco de triunfo clásico permanente erigido en honor del vencedor y bajo el cual pasaban las ceremoniosas procesiones». STRONG, Roy – ob. Cit., p. 56.

<sup>39</sup> Portalegre: «Para o mesmo dia se tinham levantado nas duas entradas principaes da Praça, por onde se devia passar a Procissão, dous arcos triunfaes de mais de quarenta palmos d'altura, vestidos de seda agalado de prata e ouro, no alto dos quaes se vião d'hum e outro lado os retratos de SS. MM., havendo-se igualmente adornado as portas da cidade por onde se conduzio a Procissão».

<sup>40</sup> *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XVI, 1785. Abril.23.

em frente do Palácio do Rocio, onde residia<sup>41</sup>, e cuja fachada efemeramente se achava transformada<sup>42</sup>, não só por uma intervenção a nível da decoração mas também acrescentando-se o frontispício com dois corpos laterais<sup>43</sup>, o que dava ao «novo Palácio da Inquisição»<sup>44</sup> a monumentalidade que não tinha e que, segundo um relato da época, «fez desejar a todos que elle se achasse assim construido».

O «Arco triunfal» foi levantado no centro da praça do Rocio<sup>45</sup>. A sua estrutura era formada por um estereóbato<sup>46</sup>, com cerca de dois metros e vinte centímetros de altura, onde assentavam doze colunas coríntias, quatro em cada uma das fachadas do arco e duas nos lados, que sustentavam um entablamento, em cujo friso viam-se «emblemas engenhosos alusivos ao plausível assumpto». Além da balaustrada, coroava este conjunto: um pedestal que sustinha a Fama<sup>47</sup>, com trombeta e escudo; «diversas figuras d'enraçados meninos, sustendo entre si em ambas as partes os escudos unidos das armas de Portugal e Hespanha»; festões e urnas<sup>48</sup>. Por cima do arco viam-se «duas inscripções, huma em cada frente», alusivas ao acto que se celebrava, e da autoria de D. João Baptista Muñoz, «Cosmografo mór de S. M. Catholica, que acabava de chegar a esta corte». Flanqueavam o arco de triunfo dois obeliscos em cujo remate se via um globo dourado com duas rolas que representavam as delícias do amor conjugal.

<sup>41</sup> «O Excellentissimo Conde de Fernan Nuñes, Grande d'Hespanha da primeira Classe, Embaixador Extraordinario e Plenipotenciario de S. M. Catholica, não julgando sufficientes para estas solemnnes funções as Casas da sua residencia, havia obtido o poder-se servir do Palacio do Rocio, que mandára adornar primorosamente com sedas de varias cores, e móveis proporcionados». *Supplemento Extraordinario á Gazeta de Lisboa*, nº XVII, 1785. Abril. 30.

<sup>42</sup> «O Palacio do Rocio, destinado para estes festins, não só se achava adornado com igual gosto e riqueza, que no primeiro dia, mas tambem a sua fachada se transformou com nobre e sumptuosa arquitectura. O telhado se encubrio com uma especie de varanda formada em toda a correnteza com balaustres, sobre a qual estava hum competente numero de formosos vasos com flores, e figuras d'Anjos, ou Genios, sostendo nas mais engraçadas posturas grinaldas, que se estendião por toda a frente do edificio, distinguindo-se no meio hum vaso maior superabundando em flores. Sobre hum portico, que se havia junto á porta principal, se levantou hum elegante e magnifico Perystilo com oito columnas d'ordem corintia, guarnecido com balaustres, e com quantos adornos a Arte póde excogitar. No resto da fachada se vião estatuas, medalhões, trofeos, e emblemas com allusões proprias, tudo distribuido da maneira mais engraçada e elegante, offerecendo aos espectadores hum Palacio tão magnifico e sumptuoso, que fez desejar a todos que elle se achasse assim construido». *Supplemento Extraordinario á Gazeta de Lisboa*, nº XXV, 1785. Junho. 24.

<sup>43</sup> Confrontar os desenhos publicados em: *Arte Efémera em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 202-205. No Cat. 70 (p. 202), Cat. 71 (p. 204), Cat. 72 (p. 206) da obra citada indica-se D. Gabriel como Príncipe das Asturias, título que pertencia a seu irmão D. Carlos, futuro rei D. Carlos IV.

<sup>44</sup> FRANÇA, José-Augusto – *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977, p.125-126.

<sup>45</sup> «que tem 900 palmos de comprido, e 450 com pouca differença de largo».

<sup>46</sup> «de duas varas d'altura». Uma vara equivalia a um metro e dez centímetros.

<sup>47</sup> «a figura da fama em côr de bronze, alta de 18 palmos; mas que se representa do tamanho natural naquella altura, que he de 146 palmos desde o chão até á cabeça da estatuua».

<sup>48</sup> «e aos lados faixas de differentes flores sustentadas nos cantos por outros meninos: os vasos, festões, e demais adornos se achão distribuidos pelos balaustres, e pedestal superior com a propriedade conveniente».

OS OBELISCOS DA PRAÇA DO ROCIO SEGUNDO A *GAZETA DE LISBOA*<sup>49</sup>

«Aos lados deste monumento, e em distancias proporcionadas, se levantão dous Obeliscos uniformes sobre hum pedestal cilindrico, tres leões sustentão huma pyramide triangular, em cujo vertice se fecha hum globo dourado, e sobre este duas rolas, que, afagando-se com seus bicos, representão as delicias do amor conjuga. A sua total elevação he de 84 palmos. Em cada pyramide, tres palmos assima da base, se figurão tres inscrições lapidares em cifra: huma contém as iniciaes dos nomes dos Augustos Monarcas de *Portugal e Hespanha*. outra as dos nomes dos Principes do *Brazil e Asturias*. e a terceira as dos nomes dos Serenissimos Infantes, cujos Desposorios são o objecto da festividade».

A impressão causada em Lisboa pelo arco e obeliscos foi referida pelo autor do relato do casamento de D. Mariana Vitória da forma seguinte: «Em fim, magnificencia, bom gosto, e a singular riqueza e formosura destes monumentos tem merecido a aprovação e os applausos dos inteligentes, e a admiração do povo, dizendo todos à huma, que devião construir-se de mármore para perpétua memória»<sup>50</sup>.

## 2.2. O efémero e a arte do fogo

No prefácio de *La Pirotechnia o sai Trattato dei Fuochi d'Artificio de Giuseppe Antonio Alberti Bolognese*, publicado em Veneza em 1749, encontramos as razões da importância deste espectáculo nas festas: «Il grande uso che si fa in molti paesi dell'Europa, e massime nell'Italia, e nella Francia dei Fuochi, que si chiamano d'Artificio, e di Gioja, mostra che quest'arte ha preso un gran piede, e che riesce ai popoli d'un sommo gradimento, e reca loro un piacere non ordinario»; «Com tutta ragione adunque si è introdotto, e fatto servire lo spettacolo de Fuochi Artificiati alle pubbliche dimostrazioni di gioja nelle Città, che sono in festa per occasione de qualche fausto avvenimento, che contribuisca alle comune felicità». O uso frequente dos espectáculos de fogo proporcionavam, a admiração e o entusiasmo de festejados e festejadores contribuindo assim as luminárias, o fogo de artificio e fogo do ar, e o engenho da sua utilização em construções efémeras para as transformarem numa «œuvre d'art»<sup>51</sup>.

Em Madrid D. Carlos III admirou, ao sair da igreja de Nossa Senhora de Atocha, «a variedade continua d'illuminações por todo o caminho e com especialidade o bello espectáculo da praça maior illuminada à custa dos cinco Gremios maiores de Madrid». Também não seria menos imponente o fogo de artificio, mandado deitar por D. Maria I, na praça de Belém, no dia 12 de Abril, dia do casamento da infanta D. Mariana Vitória. Mas em Lisboa ficaria na memória de todos os espectáculos de luz que organizou o conde de Fernán Núñez. No dia 13 de Abril iluminou-se o exterior do Palácio do Rocio de uma forma «nobre e magestosa»<sup>52</sup> e prin-

<sup>49</sup> *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XXIV, 1785. Junho.17.

<sup>50</sup> *Supplemento Extraordinario á Gazeta de Lisboa*. Nº XXV, 1785. Junho. 24.

<sup>51</sup> OECHSLIN, Werner; BUSCHOW, Anja – *Architecture de Fête. L'architecture comme metteur en scène*. Liège : Pierre Mardaga, éditeur, 1987, p.26.

<sup>52</sup> «consistindo em 220 tochas de cêra, e 660 vélas em 110 candieiros collocados nos intervallos».

principalmente as iluminações do palácio, arco e obeliscos, nos dias 15 e 18. Na fachada do palácio «havia quatro ordens de aranhas, ou serpentinas, e 214 tochas»<sup>53</sup> e no arco e obeliscos colocaram 8.568 luzes, e segundo o relato: «não excitava tanto a admiração o seu numero, quanto a engenhosa collocação, que as fazia representar hum fogo d'artificio summamente vistoso e agradável».

Fora da capital são numerosas as informações sobre luminárias. Aos tradicionais três dias de luminárias com que as cidades, vilas e aldeias comemoravam os acontecimentos festivos relacionados com a Família Real, e que só por si constituem uma das formas mais interessantes do efémero, encontramos também a utilização da luz como uma forma de grande criatividade artística, como aconteceu em Coimbra.

Os festejos em Coimbra deram origem a dois períodos de luminárias. O primeiro<sup>54</sup>, por iniciativa do «Excellentissimo Principal Reitor». Este ao ter «noticia particular» do casamento do infante D. João com D. Carlota Joaquina, mandou (11 de Abril) «a sua custa cantar na Capella da Universidade hum *Te Deum* de Musica com a maior solemnidade»<sup>55</sup>. Nessa altura viam-se «os Paços, e todo o grande Edificio da Universidade» iluminados «muito além do costume»<sup>56</sup> e, na torre do relógio, «huma Coroa Real, que com muitas luzes fazia huma vista summamente magestosa e agradável». Na mesma altura na «janela do Coro, que cahe para o terreiro», iluminaram-se umas armas reais com o Salmo 127<sup>57</sup> [Salmo didáctico-sapiencial<sup>58</sup> 128 (127): «O Senhor te abençoe do monte Sião! / Possas contemplar a posteridade de Jerusalém / todos os dias da tua vida / e chegues a ver os filhos dos teus filhos. / Paz a Israel !»]. A notícia oficial dos «Desposorios» só seria lida<sup>59</sup> no dia 1 de Junho, o que levou que mais uma vez a luz fizesse parte das comemorações festivas. Na noite do dia 3 «houve huma soberba illumination, que estava preparada havia dias, e constava de varias figuras de luzes, varias pinturas de perspectiva illuminadas e proprias da solemnidade, e varias letras, que mostravão a propriedade e significado das figuras»<sup>60</sup>. Admiraram também, na varanda «do Palácio» uma fonte de fogo com vinte e dois repuxos<sup>61</sup>, cuja novidade se ficaria a dever à invenção do laboratório da Universidade.

<sup>53</sup> «e da parte de dentro 2\$700 luzes, cujo numero total montava a 3\$878, todas de cêra».

<sup>54</sup> *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XVI, 1785. Abril. 23.

<sup>55</sup> «e com a assistencia de todo o Corpo Academico, de todos os Magistrados, de todos os Fidalgos, e de toda a Nobreza da cidade, cujo luzido e numeroso concurso foi convidado pelo mesmo Excellentissimo Prelado para os Paços Reaes das Escolas, onde lhe tinha feito preparar hum tão abundante, como mimoso e bem servido refresco».

<sup>56</sup> «Toda esta illumination continuou por tres dias com alguma variedade.».

<sup>57</sup> «Benedicat tibi Dominus ex Sion, & videas bona Jerusalem omnibus diebus viſta tuæ : Et videas filios filiorum tuorum pacem super Israel».

<sup>58</sup> *Biblia Sagrada*. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica Franciscanos Capuchinhos, 2001, p. 840.

<sup>59</sup> «no Clautro geral das Sciencias...».

<sup>60</sup> «durando a illumination com alguma variedade por tres noites successivas.»; «A illumination do edificio da Universidade comprehendia perto de 9.000 luzes, além das muitas com que o Excellentissimo Reitor fez illuminar por dentro todas as salas.».

<sup>61</sup> «formados por outros tantos canudos de cobre, com diferentes direcções: este fogo era produzido do gaz inflammavel, separado pelo methodo de Priestly, o que formava huma chama contínua, scintillante, e azulada; e diminuindo-se depois a força do fogo, appareção sobre as bocas dos tubos humas luzes representando grandes, e perfeitas zafiras».

Algumas referências a espectáculos do fogo em 1785	
Luminárias	<p>Barcelos: «cuja execução se illuminou a Praça o melhor que pode ser, e o tempo o permittio».</p> <p>Mariana<sup>62</sup>: «Á noite se gozou do soberbo espectáculo que offerecia o palacio Episcopal, onde se vião 5\$ luzes, que fazião a mais admiravel perspectiva».</p> <p>Portalegre<sup>63</sup>: «No dia 26 de Junho [...] Á noite appareceo todo o frontespicio da Cathedral illuminado desde o plano até o alto das torres; para o que se tinham feito varios ornatos de madeira, que seguião a grande architectura do mesmo frontespicio, no meio do qual se collocou o escudo das Armas Reaes igualmente illuminado. Á porta do Paço Episcopal se via outra illuminação magnifica, que representava hum jardim com huma fonte no meio, que corria entre loureiros por varias bicas. Todas as Communidades e Clero, e varias pessoas particulares, se empenhárão em fazer as illuminações mais brilhantes, que se tem visto naquella cidade, e talvez em toda a Provincia. Não faltárão nellas muitos emblemas, allusivos aos Reaes Desposorios, e á união por vinculos d'amor entre os dois Reinos».</p>
Fogo do ar	<p>Barcelos<sup>64</sup>: «Na noite do mesmo dia houve hum excellente fogo do ar, e castello de vistas, feito por hum dos melhores Mestres da Provincia, á custa da Camara [...] No dia seguinte [...] e á noite outro fogo do ar, e castello de vistas, pago á custa de varios moradores, que por este modo quizerão manifestar o seu grande contentamento, sendo ambos os fogos taes, que se lhes não soube conhecer melhora».</p>
Fogo de artifício	<p>Viana do Castelo<sup>65</sup>: «No setimo dia á noite houve hum fogo d'artificio bem trabalhado, e huma illuminação do mesmo fogo, que rematava no alto com dous corações unidos, cujo emblema se explicava por huma letra ardente».</p>
Fogo de vista	<p>Vila Real<sup>66</sup>: «Nessa noite houve hum bello fogo de vistas, formado em 7 arvores, e hum castello, figurando as Reaes Armas, e varios emblemas, alem d'innumeraveis foguetes do ar: o que durou mais de duas horas, e deo credito a seu Author, que foi o mesmo do que se deitou na Inauguração da Estatua Equestre».</p>
Castelo de fogo	<p>Guarda<sup>67</sup>: «No dia 25 das oito horas da noite em diante houve hum levantado castello de fogo, rodeado de muralhas, que disparavão muito foguetes, com delicadas vistas. Hum possante Leão, fabricado do mesmo fogo, foi quem de distancia de mais de 60 passos ateou a dita maquina, que durou em exercicio mais de 3 horas, além de duas que levou o fogo do ar a deitar-se».</p>

### 2.3. O efémero utilitário

A ausência de estruturas para a realização das actividades festivas programadas obrigavam os seus promotores a mandar levantá-las. A falta de espaços: para as

<sup>62</sup> *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XLV, 1785. Novembro. 11.

<sup>63</sup> *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XXVII, 1785. Julho. 19.

<sup>64</sup> *Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XLIV, 1785. Novembro.05.

<sup>65</sup> *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XXXVII, 1785. Setembro.17.

<sup>66</sup> *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº L, 1785. Dezembro. 17.

<sup>67</sup> *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XL, 1785. Outubro.08.

representações<sup>68</sup> teatrais<sup>69</sup> e outras artes do palco (música e poesia<sup>70</sup>); para as touzadas, e a necessidade de pavilhões, para alguns festejos, levaram ao aparecimento de estruturas, que, para além de poderem ter ou não qualidade artística, surgem para resolver uma necessidade. A este efémero designamos de utilitário.

É frequente encontrarmos nos programas festivos espectáculos – «comedias», «Operas»<sup>71</sup> «Oiteiro de Poetas», música – que eram montados em estruturas levantadas para esse efeito e que recebem a designação de teatros e cujos materiais com que eram feitos, essencialmente em madeira, eram valorizados pela decoração mais ou menos elaborada. Era o caso do teatro da Guarda, onde se podia ver um «magnifico portico» com duas figuras «estampadas», uma com as armas de Portugal e a outra com as de Espanha, e era rematado por três figuras; no centro Himeneu acendendo a tocha nupcial e aos lados a Alegria e a União.

#### Referências na «Gazeta de Lisboa» a teatros efémeros para os festejos de 1785

Gouveia – «em hum sumptuoso theatro levantado no meio da praça, para que fossem vistas do numeroso povo que se achava na villa»<sup>72</sup>;

Guarda – «hum Theatro erigido na Praça da cidade com hum magnifico portico, em que se vião estampadas duas figuras, huma que sostinha as Quinas de Portugal, e outra as Armas d'Hespanha: em sima as figuras da Alegria e União: e na simalha na parte mais elevada o Hymeneo accendendo a tocha nupcial. Os luzidos camarotes que rodeavão a Praça a fazião mais vistosa, tornando completo o espectáculo o grande socego que reinou entre tão numerosos assistentes»<sup>73</sup>; «Para este effeito se erigio na Praça pública hum bello Theatro, com excellentes vistas de bastidores, cujo soberbo Portico, ornado das emblematicas figuras de Portugal, Castella, Guarda, Himeneo, Alegria, União, e varios dysticos Latinos, mudamente explicavão o plausivel objecto de tão completos rogozijos»<sup>74</sup>;

Torres Novas – «Theatro público, que se armou na Praça da Portella com boa direcção, e magnifico ornato»<sup>75</sup>;

Vila Real – «Achando-se ao mesmo tempo formado hum magnifico Theatro na Praça, representarão-se ahi duas Operas, em tres diferentes noites, por curiosos que não desmerecêrão aos melhores professores, assistindo igualmente a estes Dramas os Magistrados, Senado, e hum innumeravel Povo»<sup>76</sup>.

<sup>68</sup> Sobre os teatros em Portugal ver o excelente trabalho de: CARNEIRO, Luís Soares – *Teatros portugueses de raíz italiana*. Porto: 2002 (Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto), 2 volumes.

<sup>69</sup> Torres Vedras: «Comedia, representada no Theatro por pessoas nobres e curiosas da mesma Villa, com pomposo ornato e excellente Musica: e nos intervallos houve Entremezes e Arias [...] á noite houve Comedia com diversa Musica, e Entremezes nos intervallos» (*Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, nº XXXIV, 1785. Agosto. 27);

<sup>70</sup> Em Torres Vedras foi realizado no «Theatro público» ouviu-se uma «boa Orquestra» e realizou-se um «Oiteiro de Poetas».

<sup>71</sup> Alter do Chão: «Nas noites dos tres ultimos dias houverão tres diferentes Operas completamente executadas, para o que até se mandarão buscar á Corte os vestidos proprios». *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, nº XLV, 1785. Novembro.12.

<sup>72</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, nº XXIX, 1785. Julho. 07.

<sup>73</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, nº XL, 1785. Outubro. 08.

<sup>74</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, nº XLIX, 1785. Dezembro. 10.

<sup>75</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, nº XXXIV, 1785. Agosto. 27.

<sup>76</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, nº L, 1785. Dezembro, 17.

As touradas ou se realizavam numa praça da cidade ou vila, depois de devidamente preparada, como aconteceu em Vila Real no praça do Tabolado – «que se achava vistosamente guarneçada» – ou obrigavam à construção de recintos próprios, onde se assistia também a outros espectáculos, principalmente cavalcadas e danças. No Porto foi levantada um «magnífico curro» em «hum dos arrabaldes» da cidade no sitio da Torrinha, com camarotes «adornados de sedas».

Referências na «Gazeta de Lisboa» a praças de touros para os festejos de 1785

**Valença do Minho (Valença)** – «Nos dias 22, 23 e 24<sup>77</sup> se corrêrão touros em huma praça, que o Senado mandou formar e armar de sedas, &c. sendo tão grande o concurso, attrahido pela solemnidade da função, que até as muralhas e telhados estavam cheios de gente»<sup>78</sup>

**Viana do Minho (Viana do Castelo)** – «Tudo se executou em huma bem fabricada Praça, repartida em camarotes por cima da trincheira, ricamente ornados por dentro, por não necessitarem d'ornato no exterior, pela razão de este se achar todo pintado e guarnecido por cima com varias figuras allusivas ao augusto assumpto do festim, e dispostas em todas as faces da Praça com a mais escrupulosa proporção. Toda a gente que concorreo admirou a architectura da Praça, e publicou ingenuamente que em todo o Reino não tinha visto outra mais bem ideada, nem melhor ornada»<sup>79</sup>

Dos pavilhões merece uma referência especial o «magnífico salão de baile»<sup>80</sup> que o 3º marquês de Louriçal<sup>81</sup>, embaixador extraordinário de Portugal em Madrid, para negociar o casamento dos infantes, mandou levantar para o festim<sup>82</sup> que ofereceu depois da sua entrada pública na capital espanhola<sup>83</sup>. O salão, construído no jardim, era de «ordem corintia»<sup>84</sup>, rodeado por uma galeria<sup>85</sup> da qual se descia para o salão por oito escadas. De cada um dos lados<sup>86</sup> existiam duas salas de jogo<sup>87</sup> e

<sup>77</sup> De Agosto.

<sup>78</sup> *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XXXVI, 1785. Setembro. 10.

<sup>79</sup> *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XXXVII, 1785. Setembro. 17.

<sup>80</sup> *D. João VI e o seu tempo*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, p.175-176; *Arte Efêmera em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2001, p.200-201.

<sup>81</sup> D. Henrique de Meneses (1727-1787).

<sup>82</sup> Para os «Grandes, a principal Nobreza, ao Ministerio e Corpos Militares da Corte, convidando perto de 2\$ pessoas».

«Principiou a função por hum abundante refresco: seguio-se huma Serenata, em que foi executado hum Drama em Musica por excellentes Professores: e no fim desta huma muito esplendida cêa para todo o concurso em muitas e grandes mezas, distribuidas em differentes salas, e outras volantes, que se punhão occasionalmente: Depois houve hum balhe (sic), que concluiu o festim, durando até ao dia seguinte. O mesmo, com pouca alteração, repetio Sua Excellencia na noite de 29; pondo em ambas, nas janellasda rua córos de Musica para recreação do povo».

<sup>83</sup> *Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa*, nº XV, 1785. Abril. 16.

<sup>84</sup> «de 60 pés de comprido e 30 de largo, com 20 columnas de 17 pés e 1/2 d'alto».

<sup>85</sup> «de 10 pés e 1/2 de largo».

<sup>86</sup> «ao comprimento da galeria».

<sup>87</sup> «de 50 pés de comprido, 14 e 1/2 de largo, e 14 d'alto».

defronte da entrada principal havia uma sala para aparador<sup>88</sup>. Toda esta estrutura «figurava» ser construída com uma «variedade de marmores e jaspes», que eram valorizados pela intensa iluminação<sup>89</sup> e pela decoração, da qual sobressaiam os emblemas alusivos ao acontecimento que estavam pintados entre os pilares da galeria<sup>90</sup>.

\*\*\*\*\*

O duplo consórcio de 1785 foi, em todos os seus momentos, uma manifestação contínua de cerimónias e festas que mantiveram, nas vésperas de uma profunda alteração política, a Revolução Francesa, o espírito total da festa barroca ao serviço do poder. A festa barroca – espectáculo efémero, como o eram as estruturas que o apoiavam – que serviu a centralização monárquica e o reforço do poder do Estado<sup>91</sup> pode ser considerada como um imenso mostuário de todas as artes. Os actores e espectadores desse espectáculo total conseguiam, ainda que momentaneamente, entrar no maravilhoso, através de um programa onde a qualidade da música se misturava com os sabores, onde a ilusão do espaço transformado se enriquecia com os trajos (pormenorizadamente descritos), onde, enfim, a felicidade da Família Real era a ilusão da felicidade dos povos.

---

<sup>88</sup> «de 50 pés de comprido e 13 de largo».

<sup>89</sup> «havia nelle 61 lustros e braços de crystal; estava allumiado com 706 luzes».

<sup>90</sup> «e tudo concorria para dar a conhecer o bom gosto do Embaixador, e a aptidão do Architecto, que dirigira a construção».

<sup>91</sup> FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – *A festa barroca no Porto ao serviço da Família Real na segunda metade do século XIII. Subsídios para o seu estudo*. Porto: 1988.